

REVELAÇÕES  
DO AMOR DIVINO



Coleção CLÁSSICOS DO CRISTIANISMO

- Cartas completas, *Santa Catarina de Sena*
- Obras completas, *Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face*
- Revelações do amor divino, *Juliana de Norwich*
- Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem Maria, *São Luís Maria Grignion de Montfort*

Juliana de Norwich

*Revelações do  
Amar Divina*



PAULUS

Título original: REVELATIONS OF DIVINE LOVE  
Tradução e apresentação: *Marcelo Masson Maroldi*  
Direção editorial: *Claudiano Avelino dos Santos*  
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*  
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Juliana, de Norwich, ca.1342-1416  
Revelações do amor divino / Juliana de Norwich; [tradução Marcelo Masson Maroldi].  
— São Paulo: Paulus, 2018. — Coleção Clássicos do cristianismo.  
Título original: *Revelations of divine love*

ISBN 978-85-349-4691-9

1. Cristianismo 2. Espiritualidade 3. Misticismo  
I. Título. II. Série.

18-13077

CDD-248.22

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Mística e espiritualidade: Cristianismo 248.22



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções:  
**paulus.com.br/cadastro**  
Teleendas: (11) 3789-4000 / 0800 16 40 11

1ª edição, 2018

© PAULUS – 2018

---

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 – São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627 · Tel. (11) 5084-3066  
paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4691-9

## APRESENTAÇÃO

*Marcelo Maroldi*

### *Juliana de Norwich (1342-1416) e as revelações do amor divino*

Pouco sabemos sobre a vida de Juliana, conhecida por nós simplesmente como Juliana de Norwich (ou mãe Juliana de Norwich). O local de seu nascimento, se foi casada e teve filhos e se nasceu em família nobre, não sabemos, exceto o que ela própria brevemente narra sobre si em seus escritos. De fato, até mesmo seu nome, Juliana, pode não ser seu nome de batismo, mas uma referência à igreja de São Juliano, em Norwich, na Inglaterra, onde passou a viver como anacoreta, em ano que também ignoramos. Nasceu em 1342 e, isso sabemos, em 1413 ainda vivia em Norwich. Porém, não conhecemos com certeza o ano em que morreu – ao que tudo indica, em 1416, mas há quem afirme que faleceu em 1429 ou 1430. Juliana não fundou nenhuma ordem religiosa e não parece ter tido uma vida social ou eclesiástica importante. Viveu de maneira simples e devotamente, registrando seus pensamentos e emoções e, sobretudo, compartilhando conosco as revelações a ela transmitidas diretamente por Deus. São essas as revelações e visões que consideramos fundamental trazer agora ao leitor de língua portuguesa.

Após sua experiência visionária, da qual falaremos depois, Juliana passa a viver em uma cela, na igreja já citada. Como também foi dito, tornou-se anacoreta, isto é, uma devota da Igreja Católica que decide, pelas razões mais diversas, enclausurar-se em

uma cela e viver reclusa, dedicando-se somente à vida espiritual.<sup>1</sup> Tornar-se anacoreta, contudo, não era fato tão incomum à época, nem mesmo era considerado um fardo muito pesado, como poderíamos hoje pensar. A tradição de vidas monásticas severas e as tradições eremitas, decorrentes especialmente dos Padres do Deserto, adquiriram, na época de Juliana, feições bem menos rígidas. Já não ocorre com tanta frequência em ambientes hostis, como desertos e cavernas isoladas, mas geralmente em cidades, e nem sempre exige votos radicais de silêncio e outros aspectos extremos. As celas, sempre individuais, podiam ser construídas em praticamente todos os locais, como cemitérios, castelos ou no campo, e mais comumente eram erigidas em igrejas, como foi o caso da cela em que Juliana viveu. Sua cela tinha dois aposentos e três janelas,<sup>2</sup> uma das quais se voltava à capela, permitindo à reclusa acompanhar a missa e receber os sacramentos. Pela outra janela, dava-se seu contato com o mundo, e por ela a mística recebia suas visitas e, como era comum, dava aconselhamentos às pessoas que vinham vê-la e com ela conversar. A terceira janela dava para o outro cômodo da cela, por onde recebia sua alimentação. As visitas incluíam não apenas familiares, mas também pessoas diversas, das mais simples até as mais respeitadas na comunidade, que recorriam aos ensinamentos e conselhos da enclausurada e a suas orações. Portanto, não se tratava de viver absolutamente isolada e sozinha, em extremo sofrimento, e em muitos casos, como o de Juliana, as reclusas possuíam animais de estimação, como gatos, e até mesmo uma criada. Não era obrigatório o voto de pobreza, somente o de castidade e o de obediência. Mesmo assim, não devemos deixar de lembrar que o enclausuramento era sempre difícil e devocional, simbolicamente

---

<sup>1</sup> A cela de Juliana, destruída na Segunda Guerra Mundial, foi reconstruída e pode ser visitada em Norwich.

<sup>2</sup> Ver o relato de Margery Kempe, mística inglesa autora de *The Book of Margery Kempe*, que se encontrou com Juliana em 1413.

se assemelhando a um enterro, quando aquela que desejava se tornar reclusa voluntariamente escolhia morrer para o mundo, adentrando assim à sua cela, onde permanecia quase sempre até a sua morte. A alimentação era regrada e suas vestimentas, em geral, pretas. O propósito de viver na cela era uma vida distante de agitações e de perturbações mundanas, sem barulhos ou preocupações triviais que pudessem impedir a dedicação total e irrestrita a Deus e à vida espiritual, muito embora, repetimos, não se tratasse de ascetismo radical e rigoroso.

Apesar do pouco que sabemos da vida de Juliana, podemos deduzir que se tratava de senhora com alguma cultura e, provavelmente, abastada, uma vez que ela parece conhecer textos e autores clássicos, de teologia e talvez de filosofia, apresentando um nível intelectual incomum às mulheres do período. Não se pode jamais deixar de mencionar que as mulheres, no século XIV, estavam proibidas de escrever livros, o que mostra a importância da obra de Juliana e seu caráter inovador, demonstrativo também da certeza e convicção que advinham de sua experiência de revelação. Muitos pesquisadores reconhecem que Juliana foi a primeira escritora em língua inglesa. Até então, era proibido às mulheres ensinar em público, tanto por meio oral como escrito. Especialmente a palavra escrita por uma mulher só era aceita em casos muito excepcionais e após extensa e rigorosa análise dos doutos, sob a acusação de que as mulheres facilmente são ludibriadas e que seduzem e se deixam seduzir. Portanto, a lei as proibia de escrever, desde que não houvesse um claro indicativo ou prova de que estivessem sendo orientadas genuinamente pela graça divina.

Na época em que Juliana vive, Norwich é uma cidade grande e importante (atrás apenas de Londres), de significativa atividade comercial e têxtil, com centenas de igrejas e a presença de diversas ordens religiosas e um ambiente religioso amplo e

contagante, que pode ter sido conhecido da autora. É possível, também, que Juliana tenha conhecido as ideias místicas de Meister Eckhart (condenado alguns anos antes do nascimento da visionária, mas ainda bastante influente), Santa Catarina de Siena e Santa Brígida da Suécia, entre outros. Os relatos de Juliana se inserem na tradicional mística medieval inglesa, de autores como Richard Rolle e Margery Kempe. Tais relatos ocorrem em uma época de profundos acontecimentos sociais e políticos e tempos difíceis. É período de disputas religiosas, uma profunda crise humanitária, com a constante presença da fome, de epidemias (como a peste negra), catástrofes naturais e guerras, que dizimavam as populações e tornavam os homens sem esperança e moralmente abalados, gerando um pessimismo e obscurantismo que somente a espiritualidade parecia conseguir restaurar.

Apesar da relevância das revelações de Juliana, como se verá, durante séculos o livro foi quase ignorado e lido somente por pequeno número de entusiastas, mas o interesse pela obra e por sua autora cresceu grandemente nas últimas décadas, recebendo inclusive a atenção de nomes importantes como Thomas Merton e T. S. Eliot. Hoje, o livro tem traduções em numerosos idiomas e foi publicado em dezenas de países, sendo Juliana homenageada recentemente num discurso do papa Bento XVI proferido em 1 de dezembro de 2010.

As *Revelações do Amor Divino* foram escritas a partir de dezesseis revelações (ou visões), recebidas por Juliana, sob aflição e dúvida, mas também com grande alegria e êxtase, e discorrem sobre inúmeros aspectos religiosos e teológicos, tais como o mistério da divindade e da Trindade, o amor de Deus, o conceito de pecado e de alma e a metáfora de Jesus como nossa Mãe. O texto inicial era curto, mas durante muitos anos após as revelações Juliana se dedicou a refletir e ampliar esse texto



inicial, que depois se tornou o texto longo que o leitor tem em mãos. O livro não tinha título e, por isso, foi inicialmente conhecido simplesmente como *As revelações de Juliana de Norwich*, consagrando-se depois como seu título definitivo.

Existem quatro manuscritos conhecidos da obra. Um deles, do século XV, encontra-se no Museu Britânico de Londres (é chamado de Manuscrito de Amherst, sendo o único que contém a versão curta do texto). Outro manuscrito, do século XVII, está na Biblioteca Nacional de Paris e dois manuscritos, dos séculos XVII e XVIII, no Museu Britânico de Londres – há, ainda, fragmentos dos séculos XVI e XVII na Biblioteca da Catedral de Westminster. O pequeno número de cópias existentes tem levado pesquisadores a oscilarem entre duas teses: ou este fato se deve realmente ao pequeno interesse pelo relato de Juliana ou, como parece-nos mais provável, tratava-se de obra em certo sentido perigosa de ser divulgada e copiada, por apresentar conteúdo religioso não ortodoxo e, ademais, escrito por uma mulher. De qualquer modo, a primeira versão impressa publicada da obra é de 1670, organizada pelo monge beneditino Serenus Cressy, provavelmente a partir do manuscrito de Paris, e publicada como *As dezesseis revelações do Amor Divino*. A presente tradução foi feita a partir da versão longa do texto mais antigo encontrado no Museu de Londres, na edição feita em 1901 por Grace Warrack, que comparou-o com as outras versões existentes.

Juliana de Norwich narra em livro as dezesseis revelações que recebeu de Deus. Sem dúvida, preocupou-se em transmitir o que viu, ouviu e sentiu, e quase nada de sua história pessoal. Apesar de pouco sabermos sobre a visionária, é certo, porém, que teve suas revelações em maio de 1373,<sup>3</sup> quando tinha trinta

---

<sup>3</sup> Alguns manuscritos afirmam que a revelação se iniciou no dia 8 de maio e outros, no dia 13.

anos de idade, e atacou-lhe uma grave enfermidade que a deixou à beira da morte. Sabemos que sua mãe esteve com ela naquele momento, sendo uma das pessoas que ficaram ao seu lado, como lemos nas *Revelações*. Sua experiência de revelação durou mais de 24 horas, e durante mais de 20 anos refletiu sobre ela e teve seu entendimento ampliado por auxílio espiritual de Deus, o que resultou na versão longa e completa do texto e em sua explicação.

Conta-nos Juliana, no início de seu relato, como desejou ardentemente três presentes de Deus. Desejou que Deus pudesse mostrar a ela seu padecimento na sagrada paixão, exibindo seu amor infinito pelos homens em seu imenso sofrimento na cruz; dessa maneira, ela poderia compreender mais de Deus e conhecer seu amor, vivendo-o e contemplando sua paixão. Também desejou uma doença severa, que a deixasse à beira da morte, não para padecer, mas para conhecer as dores espirituais e físicas, pensando, dessa forma, que poderia conhecer mais de Deus e fortalecer a sua fé e sua confiança nele. Assim, poderia conhecer melhor o sofrimento do corpo e a realidade espiritual e, então, o amor divino, que supera toda aflição, vivendo depois para louvar mais nosso Deus. Seu terceiro desejo foi a ferida do remorso, a da doce compaixão e a de firmemente desejar a Deus, como entenderemos apenas lendo a sua profunda experiência. E tudo isso Deus concedeu à devota.

Ora, Juliana não desejou poderes espirituais ou benefícios celestiais. Quis fortalecer sua fé e aumentar seu amor e sua caridade. Seu desejo de sofrimento e de enfermidade mostraria os limites da vida física e, ao mesmo tempo, ofereceria a perspectiva da vida espiritual, cuja graça Deus lhe revelaria também. Há sofrimento, doença, guerra e fome, o pecado e as quedas dos homens e todas as suas falhas, mas tudo acabará bem, desde que se tenha confiança no amor divino e na intenção de Deus.

Durante toda a narrativa, vemos a humildade da autora ao se referir a si mesma como mulher, em condição subjugada, como dissemos, e como iletrada e frágil criatura – muito embora a vejamos bastante segura de que a experiência por ela vivida era, de fato, uma revelação de Deus, dirigida a todas as pessoas por meio dela, essa criatura simples e pouco habituada à teologia e à erudição. Por isso, Juliana não vê a si mesma como iluminada ou sábia, nem como mística ou mestra de ninguém, e não escreve para um público de especialistas, mas para todos os cristãos que serão salvos, para toda a humanidade.

Certamente, o tom humilde, embora sincero, visa da mesma forma protegê-la de quaisquer acusações, visto que mulheres não podiam ensinar e se posicionar em questões dessa natureza. Sua suposta ignorância e pequenez permitem, portanto, evitar confrontos e perseguições. A reclusa também evita, assim, outras acusações por parte da Igreja, visto que há contradições entre o ensino desta e o que mostrarão suas revelações (por exemplo, em relação à predestinação).

Como logo se percebe, as revelações são contadas mediante uso de rica carga simbólica, ou seja, vasto uso de alegorias, metáforas e descrições complexas, que requerem, sem dúvida, grande habilidade com a linguagem e capacidade de se expressar. Juliana recorre a elementos usuais e objetos cotidianos dos cristãos, reinterpretando-os segundo os ensinamentos contidos em suas revelações e traduzindo os elementos simbólicos para a realidade do fiel. Esse uso da linguagem indica bom domínio da língua, conhecimento da Bíblia (especialmente do Evangelho de João e das cartas de Paulo) e das principais questões discutidas na literatura religiosa. Também nota-se, nas *Revelações*, uma estrutura circular de argumentação, que vai retomando e aprofundando os temas, ao final unificando tudo. Isso só é possível porque se trata de uma revelação que vai sendo conduzida pouco

a pouco e se explicando lenta e progressivamente. Portanto, é uma espécie de enredo que vai se complementando e sofisticando a cada novo capítulo, adicionando elementos e fundindo-os aos anteriores. Assim, apesar de tópicos aparentemente distintos entre si, vemos que tudo converge em uma unidade, cujo tema central é o amor e a mensagem de salvação e esperança.

Há uma sequência na revelação, que inclui o sofrimento e a dor, a tristeza e o desânimo, seguidos por palavras e imagens formadas no entendimento, pelas visões física e espiritual e todos os profundos e consoladores ensinamentos, convencendo Juliana de que se tratava realmente de revelação divina. Desse modo, a maior parte da visão ocorre interiormente, por meio de sons que ouve, das imagens que vê e dos ensinamentos que recebe diretamente à sua mente. Tudo isso vai se sucedendo continuamente, e nem sempre Juliana consegue, naquele momento particular, entender e identificar os vínculos entre as partes, e saber o que pretende ensinar a revelação. Logo entende, porém, que se trata de uma única e extensa mensagem, cujas partes são relacionadas umas às outras. Juliana percebe sua experiência como unidade, como mensagem coerente, por graça de um Deus que docilmente se apresenta a ela, oferecendo-lhe essas partes individuais que só podem ser compreendidas na totalidade e mediante a sua instrução. Por isso, a mensagem não vem automaticamente e toda de uma vez; ela não é prontamente dada, mas vai sendo montada e sendo compreendida conforme Juliana avança em seu entendimento, aprofundando-se no mistério e na beleza que a envolve. A dor, a aflição e a angústia são, assim, partes integrantes da mensagem de cura, de vida celestial e do pleno e eterno amor divino. Portanto, trata-se de situar tudo, inclusive a tristeza e o pecado, na mensagem de amor que Deus envia e que Juliana somente pode decifrar por meio das revelações e do entendimento que vão sendo transmitidos. Nesse sentido,

é um diálogo de Juliana com Deus e um custoso e desafiador exercício mental para si, em que ela junta os pedaços oferecidos e as explicações visando construir a unidade e a plena compreensão da mensagem. Enquanto alguns objetos lhe são apresentados em visão exterior, outros o são em visão interior, e muitos por um entendimento espiritual direto, tudo isso sendo trazido à sua alma para sua compreensão e deleite. Isto é, fundem-se as visões com as revelações e os ensinamentos, de um modo integrado; as visões alimentando e sendo realimentadas pelas revelações, e auxiliadas pelo entendimento, vão formando respostas. Assim, a suposta fragmentação da experiência visionária deixa de ser confusa, absurda e até contraditória, para formar uma mensagem completa, fundada sobre pilares bastante claros. Como é de se esperar, diante de tantos ensinamentos e, em alguns casos, sua falta de compreensão, só resta à humilde Juliana questionar as próprias visões, atribuindo a si mesma delírios.

O caráter místico da descrição de Juliana também se torna evidente. Ela recebe sua mensagem como uma revelação, às vezes visual, às vezes em entendimento e, muitas vezes, como ela própria dirá, sendo difícil e até impossível colocar em palavras. Nesse sentido, é uma legítima experiência inefável, uma descrição mística do objeto contemplado tal como se deu na experiência, que ela tenta, segundo as suas possibilidades, traduzir para uma linguagem possível de ser compartilhada conosco.

Todavia, apesar de tratar-se de revelação pessoal a ela concedida, Juliana indica a universalidade de seu relato, a certeza de que a mensagem não se dirige àquela simples serva de Deus, mas a todos os homens, somente ocorrendo por meio dela, que foi a escolhida para transmitir aquele conteúdo. E isso só é possível porque Deus está em toda a humanidade, habitando a alma de todos os homens. Assim, Juliana narra tudo em primeira pessoa: ela vê, ouve, sente, mas, ao final, descobrimos que a experiência

deve extrapolar para a humanidade. É uma experiência pessoal, generalizando-se para se tornar experiência humana, ou seja, a experiência não é de Juliana, mas nossa também; a experiência que se abre a todo ser humano e extrapola qualquer subjetividade.

Os temas abordados nas revelações, alguns indiretamente, são variados e, em geral, percorrem as questões clássicas e tradicionais da metafísica e da teologia cristã. Juliana nos convida a refletir especialmente sobre o mundo interior, as coisas internas, relacionadas à alma e entendidas como as que nos orientam para as coisas do alto, as mais elevadas e fundamentais, e ajudam-nos a entender nossa própria vida aqui e agora, neste mundo material. Assim sendo, o entendimento profundo do amor de Deus deve influenciar a maneira como entendemos e vivemos a experiência humana, esta realidade transitória que será, por fim, substituída por outra eterna e definitiva.

Mas o que é Deus? O que é o ser humano? O que é o pecado, o sofrimento? E o demônio? O que é a alma e qual é sua função? Questões como essas vão sendo formuladas e respondidas sutilmente, formando, num sentido não rigoroso, um sistema ou núcleo de uma teologia naturalmente construída a partir do que vai surgindo em sua experiência visionária. Vemos a identificação de Deus como a Trindade, a ideia de que o pecado não pode ser algo e a predestinação ampla, um final feliz para todos os tementes a Deus. Juliana ainda afirma que nada viu e nada sabe de inferno e de purgatório. Vemos, a todo instante, a ideia de que Deus está presente em tudo, sempre. A anacoreta mostra a necessidade da criação, da encarnação de Cristo, sua paixão, morte e ressurreição. Aliás, há grande ênfase na contemplação da paixão, entendida como o símbolo máximo do sofrimento humano e como a nossa própria paixão. Juliana se concentra na análise de Deus encarnado e crucificado, que, por amor a suas criaturas, retorna para cumprir o seu compromisso fundamental

de amar e de ser o amor. Por isso, a paixão de Cristo, apesar de todo o sofrimento que a envolve, carrega em si a mensagem de Jesus como o mistério revelado, o mistério do amor infinito que nunca cessa sobre as suas criaturas.

Como muitos estudiosos julgam, o ponto máximo da revelação é a parábola do senhor e do servo, em que Cristo é identificado com Adão e este com a humanidade, e a queda de Adão é vista como a própria queda do homem, resumindo assim toda a revelação concedida a Juliana e a mensagem de amor e de proteção de Deus. O senhor se preocupa com o servo e, ao término, tudo acaba bem, e o servo retorna ao seu senhor, que, muito satisfeito e grato, o recompensa por seu trabalho com um tesouro inestimável.

Outro tema fundamental é a maternidade de Deus, ou seja, o entendimento de Deus como nossa Mãe; nesse caso, Jesus como nossa Mãe e símbolo de amor e cuidado com os seus filhos, um tema comum a muitas tradições religiosas. De fato, não se trata de ideia inédita nem mesmo no cristianismo, e muitos outros autores encontraram na própria Bíblia elementos para tal discussão.<sup>4</sup>

Contudo, o amor de Deus é, sem dúvida, a grande mensagem e o elemento fundamental para compreendermos as revelações de Juliana, ou melhor, Deus sendo amor, a mensagem bíblica retomada e elevada a seu máximo entendimento. Em todas as revelações, como em todos os momentos da existência, o amor é a única resposta. Deus é amor, mas é amor antes de ser qualquer outra coisa, sobrepujando, assim, qualquer ideia de um Deus dominador, vingativo etc. O amor não é algo que Deus possui,

---

<sup>4</sup> Encontramos a discussão no gnosticismo e também em autores como Clemente de Alexandria, Santo Anselmo, São Bernardo, São Boaventura, Santa Matilde, Santa Brígida da Suécia e Santa Catarina de Siena.

como um de seus atributos: Deus é verdadeiramente amor, sendo, portanto, o amor seu aspecto primordial e anterior a tudo mais.

O mistério e o sentido da existência humana não são dados nas aparências do mundo material, nas coisas passageiras e particulares, mas no universal, infinito e eterno amor, que é o próprio Deus. E isso é revelado à alma humana, onde habita Deus. Apenas experimentando esse puro e verdadeiro amor nós somos retirados de nossas dúvidas e angústias e assegurados e protegidos no mundo espiritual, para o qual desde sempre fomos criados e para onde deveremos ir. Portanto, o amor, fonte de vida e da própria existência de tudo, é o que une todas as coisas e nos faz partes do todo e um com Deus. Nossa individualidade se experimenta conjuntamente à vida no amor de Deus. Por isso, o homem é também esse amor, apenas obscurecido pelo afastamento de seu Criador e Pai.

O amor é o que nos mantém atados a Deus e o único modo de nos reintegrarmos à sua natureza divina, na qual podemos vivenciar um sentido espiritual de existência e felicidade, dando significação à nossa vida. Assim entendida, a vida humana é o retorno do amor novamente ao amor, por meio da experiência do amor. Ou seja, o amor desperta o homem para a vida espiritual, é o chamado, e o amor é o caminho e o próprio professor, aquilo que é despertado, ensinado e ensina a cada um de nós. O amor revela e é o que é revelado, sendo representado especialmente como o amor encarnado em Jesus Cristo, cujo mistério é revelar o amor e ser ele próprio o mistério revelado, isto é, o amor.

Esse retorno ao amor, o caminho de união com Deus, é o objetivo final. Deus é amor infinito esperando para nos ter novamente junto a ele, pelo ardente desejo de amor que temos em nós e através do qual nos reconfortamos e o buscamos. Somos, assim, o grande tesouro de Deus, amados desde a eternidade, e, por isso, a ele iremos retornar, não antes de tropeçarmos e



cairmos, mas sempre levantando-nos com seu auxílio e amor. Por nós mesmos, nada somos, mas com ele em nós, somos amor, e somos seu tesouro, participando de sua vida e bondade. É desse modo, então, que Juliana finalmente ouve e compreende a promessa de Deus: tudo acabará bem, por meio de uma poderosa obra que a Santíssima Trindade fará no último dia: a grande ação planejada por Deus desde o princípio, por amor. Por isso, nosso caminho de reencontro com Deus é uma espécie de união mística, de ser uno com Deus, pois não há diferença entre a nossa substância e a dele. A experiência do amor infinito mostra que Deus não está separado de sua criação, Deus é amor e vida que tudo penetra e mantém. Está presente em todas as coisas, tudo criou e é o centro de tudo; é vida e fonte de vida, é amor e fonte de amor. E nada há fora desse amor. E é esse inesgotável amor que deseja nos atrair até ele, para nos retirar da agonia e da aflição em que estamos. Esta foi, segundo Juliana, a intenção do Senhor ao lhe revelar tudo isso:

Desejas aprender a intenção do teu Senhor nesta coisa toda? Aprende-o bem: o amor foi sua intenção. Quem o mostrou a ti? Amor. O que mostrou a ti? Amor. Por que o mostrou? Por amor. Permanece assim e aprenderás e saberás mais deste amor, mas nunca, eternamente, saberás nem aprenderás que o amor é outra coisa diferente.